

**A CARACTERIZAÇÃO DAS RELAÇÕES ARGENTINO-BRASILEIRAS NO
TELEJORNALISMO BRASILEIRO: A RIVALIDADE EM TORNO DOS
DESACORDOS DO MERCOSUL¹**

GT7: Estudos de Recepção

Roberta Brandalise²

Resumo

Sob a orientação teórico-metodológica da Antropologia Cultural e dos Estudos Culturais Britânicos e Latino-americanos, estudamos a participação da televisão brasileira na construção de representações sociais e na articulação de identidades culturais em regiões de fronteira – espaços onde a televisão brasileira é consumida tanto por brasileiros quanto por outros povos da América do Sul. Neste artigo, apresentamos os principais resultados de nossa pesquisa no que diz respeito às apropriações e usos que brasileiros e argentinos fazem do telejornalismo brasileiro na fronteira entre Uruguiana (Brasil) e Paso de los Libres (Argentina). Nesse sentido, destacam-se as narrativas que caracterizam as relações argentino-brasileiras como de rivalidade, especialmente as que dizem respeito aos desacordos em torno do Mercosul.

Palavras-Chave: Telejornalismo. Identidades Culturais. Fronteira Brasil-Argentina.

¹ Trabalho apresentado ao GT 7 Estudios de Recepción, do XII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC), realizado em Lima (Peru), de 6 a 8 de agosto de 2014.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora da Faculdade Cásper Líbero (FCL) e da Universidade de Santo Amaro (UNISA). País: Brasil. E-mail: betalise@terra.com.br

Introdução e aspectos metodológicos

Há mais de dez anos estudamos a participação da televisão brasileira na construção de representações sociais e na articulação de identidades culturais em regiões fronteiriças. A fronteira Brasil-Argentina – especificamente as cidades limítrofes Uruguaiana e *Paso de los Libres* – foi alvo de interesse de nossos estudos em diversos projetos de pesquisa. Elegemos esse objeto de estudo porque, há aproximadamente quatro décadas, o consumo de televisão brasileira foi incorporado ao cotidiano de muitos brasileiros e argentinos que vivem dos dois lados do rio Uruguai – barreira natural que delimita os territórios brasileiro e argentino.

Atentando especialmente para as apropriações e usos que brasileiros e argentinos fronteiriços fazem do telejornalismo brasileiro, consideramos relevante registrar o que mudou e o que persiste entre o primeiro e o último estudo que realizamos naquela região. Neste artigo, portanto, apresentamos os dados que levantamos recentemente em nossa tese de doutorado³, e consideramos também um de nossos estudos anteriores mais antigos⁴. Com isso, pretendemos expor alguns aspectos do que aprendemos sobre a participação do telejornalismo brasileiro na vida social e cultural de brasileiros e argentinos que vivem o cotidiano da fronteira Brasil-Argentina.

Constituímos a nossa estratégia teórico-metodológica a partir da orientação da Antropologia Cultural (Geertz, 1978) – realizando a descrição densa da realidade e

³**A Televisão Brasileira nas Fronteiras do Brasil com o Paraguai, a Argentina e o Uruguai.** Um estudo sobre como as Representações Televisivas participam da articulação das Identidades Culturais no cotidiano fronteiriço. Tese de Doutorado, Ciências da Comunicação, Escola de Comunicações e Artes (ECA), Universidade de São Paulo (USP), Agência de Fomento: CNPq, São Paulo: Acervo da USP, 2011.

⁴**Gaúchos e Gauchos:** um pampa, duas nações. Monografia de Graduação, Comunicação Social, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria: Acervo da UFSM, 2002.

a interpretação a partir do contexto – e dos Estudos Culturais Britânicos e Latino-Americanos (Hall, 1999; Martín-Barbero, 2001) – assumindo as identidades culturais como plurais e móveis e atentando para a realidade multimediada.

A fim de concretizar a análise discursiva dos dados que levantamos, nos apropriamos ainda de Geertz (1978) e Orlandi (1988) para identificar as formações discursivas e as estruturas de significado em curso, atentando para as relações de predominância entre elas, tanto nas narrativas televisivas quanto nas apropriações e usos que os entrevistados fazem dessas narrativas.

Trabalhamos também com o conceito de estereótipo de Lippmann (2008), assumindo que os estereótipos podem ser positivos ou negativos, e mesmo que não sejam inverdades, constituem-se como uma simplificação demasiada da realidade que representam.

Realizamos uma pesquisa qualitativa (LOPES, 2002), nos moldes de um estudo de caso (YIN, 2010), fazendo uso de entrevistas semiestruturadas (THIOLLENT, 1980), de entrevistas abertas mediadas (a partir da proposta de COLLIER, 1973) – momento em que revimos com brasileiros e argentinos as narrativas que eles mesmos sublinharam como relevantes em seu cotidiano – e da observação participante (HAGUETE, 1992).

Dez fronteiriços integraram nossa amostra no estudo concretizado em 2011, 5 brasileiros residentes em Uruguaiana (2 mulheres e 3 homens, com idades entre 37 e 73 anos) e 5 argentinos residentes em *Paso de los Libres* (3 mulheres e 2 homens, com idades entre 25 a 67 anos). O estudo que concretizamos em 2002 foi desenvolvido sob a mesma orientação teórico-metodológica, com ênfase nas teorias latino-americanas das mediações e dos usos sociais dos meios de comunicação de massa (MARTÍN-BARBERO, 1987; CANCLINI, 2010). Na

ocasião, nossa amostra foi composta por 12 fronteiriços. Em território argentino, entrevistamos 3 homens e 3 mulheres (com idades entre 42 e 55 anos) e, em território brasileiro, entrevistamos 3 homens e 3 mulheres (com idades entre 40 e 55 anos).

A questão da rivalidade argentino-brasileira operada no telejornalismo brasileiro ganhou relevo em todos os estudos que realizamos na fronteira Brasil-Argentina. Entre os inúmeros exemplos mencionados pelos nossos entrevistados, nos quais a televisão brasileira sublinha a rivalidade entre o Brasil e a Argentina – tais como os casos em que essa rixa é construída a partir do futebol, ou explorada na propaganda de televisão –, abordaremos neste artigo as disputas políticas e econômicas entre esses países, especialmente retratadas nas narrativas noticiosas sobre os desacordos do Mercosul.

A rivalidade nas disputas políticas e econômicas entre Brasil e Argentina: o caso da narrativas noticiosas sobre os desacordos que envolvem o Mercosul

Identificamos que as disputas políticas e econômicas em torno do Mercosul retratadas nas mídias brasileira e argentina colaboram para gerar distanciamento nas relações sociais cotidianas que se dão entre brasileiros e argentinos que vivem na fronteira Uruguaiana-*Paso de los Libres*. Em nosso primeiro trabalho de campo, os entrevistados nos levaram a entender que as representações televisivas sobre o Mercosul, embora enfatizassem as disputas entre as duas nações, preponderantemente caracterizavam o acordo como algo positivo para a economia dos dois países, e ignoraram as transformações negativas que ele provocou em regiões de fronteira como a deles.

Revelou-se ainda neste primeiro estudo que, para os fronteiriços, o Mercosul era um acordo que na verdade favorecia as grandes empresas brasileiras e

argentinas, de modo que a riqueza gerada pelos negócios decorrentes dele ia para São Paulo e Buenos Aires, transformando a fronteira Uruguaiana-*Paso de los Libres* em um mero corredor de caminhões. Nesta primeira pesquisa, entendemos também que, por conta do Mercosul, os Estados Nacionais se fizeram cada vez mais presentes nessas cidades de fronteira. Depreendemos que a ação deles atenta para a preservação desses grandes negócios – cada qual procurando fazer com que o seu país leve mais vantagens do que o outro –, desconsiderando as tradições fronteiriças de relações de comércio e consumo que se estabeleceram historicamente entre Uruguaiana e *Paso de los Libres*.

Entre outras situações que nos foram relatadas sobre os entraves que a normatização e a implantação do Mercosul acarretaram nas colaborações cotidianas entre indivíduos argentinos e brasileiros, lembramos de uma situação corriqueira do cotidiano fronteiriço que se transformou depois do acordo comercial. Para retratar o quanto as trocas entre as comunidades locais se complicaram, um dos entrevistados de 2002 nos contou que um carpinteiro brasileiro não podia mais ir a *Paso de los Libres* levar uma mesa, por exemplo. Qualquer argentino que encomende um serviço como esse poderia ter que pagar uma multa de até 5 mil dólares por ter um trabalhador ilegal trabalhando na Argentina.

Entre as relações sociais que se estabelecem entre brasileiros e argentinos que vivem na fronteira perpassam, entre outros aspectos, as relações de comércio e consumo. Encomendar uma peça de mobília do lado brasileiro ou comprar massas e salgados do lado argentino faz parte da conjunção que aproxima os nativos dos dois países e do que alimenta uma identidade regional comum. Com a implantação do Mercosul, a particularidade dessas relações de comércio e consumo fronteiriço viu-se submetida às regras macroestruturais criadas para reger a balança comercial que se estabelece a partir de volumosas transações comerciais entre Brasil e Argentina. Ocorre que essas normas acabaram

diminuindo a autonomia dos fronteiriços para concretizar essas colaborações individuais características do comércio miúdo de uma região fronteiriça. A diminuição das oportunidades de realizar trocas comerciais singelas limita ainda mais as relações sociais entre argentinos e brasileiros fronteiriços porque é no comércio que vicejam as maiores chances de convívio cotidiano. Com isso, descaracterizou-se em alguma medida a cultura que rege as relações entre os fronteiriços na direção da aproximação e do reforço da identidade regional.

Contextualizamos que no período em que realizamos nosso primeiro estudo nessa fronteira, a Argentina passava por uma crise econômica grave, e essa realidade entranhava tanto as notícias acerca das relações econômicas entre os dois países quanto as relações cotidianas na fronteira, afetando a autoestima dos argentinos e gerando atribuições de culpa dos argentinos em relação aos brasileiros e vice-versa. Nesse contexto, os políticos brasileiros e argentinos personificavam o confronto entre os países na mídia, e eram especialmente relevantes as notícias em torno do Ministro da Economia da Argentina, Domingo Cavallo.

Na ocasião, para nossa amostra de 2002, o telejornalismo argentino enaltecia a competência do político brasileiro, mas culpava o governo brasileiro pela existência dos problemas econômicos argentinos. Por sua vez, o telejornalismo brasileiro desqualificava os políticos argentinos e culpava-os por possíveis danos cometidos à economia brasileira. Dessa forma, as narrativas noticiosas colaboravam para reafirmar as identidades nacionais nessa fronteira e esfriar as relações entre brasileiros e argentinos. Nós mesmos observamos a diminuição do fluxo de brasileiros em direção a *Paso de los Libres* e vice-versa, bem como presenciemos algumas situações em que os argentinos ignoravam os clientes brasileiros, e outras em que surgiam discussões exaltadas entre os fronteiriços – cada qual defendendo o seu país e atribuindo culpa aos vizinhos pelos problemas econômicos enfrentados – em estabelecimentos comerciais dos dois lados da

fronteira, mas principalmente na Argentina.

Durante a última década, a Argentina se recuperou em boa medida da crise que viveu, embora as consequências daquela conjuntura ainda não tenham desaparecido. O Mercosul, por sua vez, tal como constatamos na concretização de nossa tese de doutorado, continua sendo razão de contendas entre o Brasil e a Argentina. Essas disputas ainda são retratadas nas mídias brasileira e argentina, e a formação discursiva dessas narrativas noticiosas ainda se desenvolve reforçando preponderantemente um sentido de rivalidade entre essas duas nações. Além disso, essas representações televisivas sobre as relações econômicas e políticas entre Brasil e Argentina, por vezes, são construídas em plena fronteira Uruguaiana-*Paso de los Libres*.

Quando estivemos em campo, nossa amostra de 2011 destacou uma das crises mais recentes entre o Brasil e a Argentina envolvendo o Mercosul e a própria região de fronteira em que vivem. A situação recebeu cobertura da televisão brasileira e sobre ela encontramos cinco narrativas noticiosas⁵: “Briga entre Brasil e Argentina atrasa a entrega de cargas na fronteira” (Jornal da Globo⁶, 27/10/2009, 1’28”); “Caminhões enfileiram-se na fronteira da Argentina com o Brasil” (Bom Dia Brasil⁷, 28/10/2009, 25”); “Impasse entre Brasil e Argentina deixa depósitos de cargas lotados” (Jornal Nacional⁸, 28/10/2009, 1’59”); “Porto Seco de Uruguaiana chega à capacidade máxima de ocupação de caminhões” (Jornal

⁵Todas as narrativas noticiosas citadas nesse artigo foram encontradas no site Globo.com e registradas no banco de dados audiovisuais de nossa tese de doutorado, ou seja, constam no DVD anexado à tese, disponível na biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

⁶**Jornal da Globo** – Telejornal. Período de exibição: de 2/4/1979 a 6/3/1981 e NO AR desde 2/8/1982. Horário: 23h. Periodicidade: de segunda a sexta (Fonte: Projeto Memória Globo, *site oficial Globo.com*).

⁷**Bom Dia Brasil** – Telejornal. Período de exibição: NO AR desde 3/1/1983. Horário: 7h, 7h30, 7h15. Periodicidade: de segunda a sexta (Fonte: Projeto Memória Globo, *site oficial Globo.com*).

⁸**Jornal Nacional** – Telejornal. Período de exibição: NO AR desde 1/9/1969. Horário: 19h45; 20h15. Periodicidade: de segunda a sábado (Fonte: Projeto Memória Globo, *site oficial Globo.com*).

Nacional, 5/11/2009, 21”) e “Reunidos em Brasília, Lula e Kirchner tentam acordo comercial” (Jornal Nacional, 18/11/2009, 36”).

Na primeira narrativa, a rivalidade entre as nações brasileira e argentina pode ser notada na formação discursiva da narrativa, desde o título da matéria (“Briga entre Brasil e Argentina”) e na introdução da apresentadora, ao descrever a situação como uma “queda de braço comercial entre os dois países”. No comentário de uma das fontes que, ao apontar que a ação do governo brasileiro se voltou contra os próprios brasileiros, enfatiza que não são os argentinos os prejudicados com isso: “o argentino não está sendo prejudicado com o que está aqui. Entende? E sim o importador brasileiro”. Na segunda narrativa, a rivalidade entre Brasil e Argentina também é sublinhada na sequência “o motivo da confusão é mais uma vez a disputa comercial entre os dois países”. Ao retratarem as relações políticas e econômicas entre os dois países como “briga”, “queda de braço” ou como “mais uma disputa”, essas narrativas nos levam a entender que essas relações são entranhadas de rivalidade.

O motivo da “confusão” e das “filas e mais filas” de caminhões na fronteira Brasil-Argentina, “desde a semana passada”, foi uma ação do governo brasileiro: a exigência de uma “licença prévia de importação” para os produtos vindos da Argentina. Ao comentar essa medida do governo brasileiro, a primeira narrativa a descreve como “uma retaliação à medida semelhante tomada pelos argentinos”, e a segunda narrativa a descreve como “uma represália a outra medida semelhante tomada pelos argentinos”. A primeira narrativa aponta ainda que, entre as consequências políticas dessa medida, já houve o registro de uma “queixa formal” por parte dos argentinos. Em resposta a essa “queixa”, os brasileiros apresentaram como justificativa o fato de também virem “sofrendo atrasos para entrar no país vizinho”. Ou seja, brasileiros e argentinos são apresentados nessas narrativas como competidores comerciais que rivalizam entre si, penalizando um

ao outro – com “retaliação”, “represália”, “queixa formal”, “medida semelhante”, etc.

Entre as diversas consequências desse tipo de disputa política e econômica, a primeira narrativa enfatiza que os primeiros prejudicados foram os “caminhoneiros”, os “transportadores” ou os “motoristas que não tem nada a ver com a briga”, além do “importador brasileiro” e o próprio “funcionamento como um todo do Porto Seco”. E essas duas narrativas começam a dimensionar o tamanho dos prejuízos econômicos advindos dessa medida, ao enfatizarem que ela “atrasa a entrega de cargas” ou que “toneladas de entregas estão atrasadas” e que “toneladas de cargas estão paradas” ou “detidas” na fronteira.

Na terceira narrativa as relações econômicas e políticas entre Brasil e Argentina também são caracterizadas como uma “queda de braço” e como um “impasse”, colaborando assim para associar o sentido de rivalidade a essas relações. No caso de Uruguiana, o repórter enfatiza que mesmo lá existindo “o maior Porto Seco da América Latina, não há mais vagas” porque a quantidade de caminhões parados já ultrapassa “oitocentos”. O repórter sublinha que muitas das “cargas importadas do país vizinho (...) barradas na entrada do Brasil, (...) são perecíveis” e nos leva a entender que essa medida tomada pelo governo brasileiro tem provocado prejuízos e que o cenário pode agravar-se: tal como evidenciam as sequências “os empresários brasileiros também reclamam”, “Na queda de braço, mercadorias que antes eram liberadas em 48 horas, podem ficar paradas por até 60 dias. O maior impacto é sobre um dos principais produtos do comércio entre os dois países” e “as exportações entre os dois países podem cair pela metade”. A narrativa contextualiza também que “no começo do ano, o governo argentino tomou uma medida semelhante com produtos brasileiros”, justificando assim a ação do governo brasileiro.

Atentando para as duas últimas narrativas observamos que, depois de “dez dias”, a cobertura continuou contabilizando diariamente a quantidade de caminhões parados na fronteira e descrevendo as mercadorias transportadas – como na sequência “640 aguardam a liberação da Receita Federal para entrar no Brasil com produtos argentinos como trigo, vinho e azeitonas” –, e alertando para o fato de que “o Porto Seco de Uruguaiana, na fronteira brasileira com a Argentina, chegou à capacidade máxima de ocupação de caminhões”. Mais de vinte dias depois de ter se iniciado essa situação que recebeu intensa cobertura da televisão brasileira e que, entre outras consequências, causou a superlotação de cargas paradas na fronteira Brasil-Argentina, a última narrativa apontou que “o presidente Lula e a presidente da Argentina Cristina Kirchner se reuniram em Brasília para tentar um acordo em relação à queda de braço comercial entre os dois países”.

Além de também caracterizar as relações entre os dois países como uma “queda de braço”, a última narrativa contextualiza que a medida do governo brasileiro teve um precedente na ação do próprio governo argentino: “quase um ano depois de a Argentina começar a exigir licenças prévias para a importação dos produtos, o Brasil decidiu adotar a mesma medida no mês passado”. É válido registrar que ao longo dessa cobertura nenhuma narrativa revelou o motivo pelo qual a Argentina tomou tal medida, bem como explicou porque os brasileiros não entraram logo em negociação com os argentinos a esse respeito.

Com isso, compreendemos que na formação discursiva das narrativas que compõem essa cobertura, a ação do governo brasileiro não é contextualizada, sendo apenas justificada como uma represália à medida semelhante tomada pelos argentinos, ou seja, pretende-se que ela seja compreendida com base no interdiscurso da rivalidade entre os países. E, ao acionar o imaginário social brasileiro dessa forma, o discurso jornalístico também reforça o sentido de rivalidade nas relações argentino-brasileiras.

Apropriações e usos das representações televisivas sobre os desacordos do Mercosul

Depois de assistirem conosco essas narrativas, os brasileiros retrataram os argentinos como “díficeizinhos de lidar” (GUILHERME, 43), como causadores de “problemas” (PEDRO, 73) e de “dor de cabeça” (LIA, 65), como um povo que se considera melhor do que o brasileiro. Os brasileiros também atribuíram parte da culpa, pela situação difícil criada com a medida do governo brasileiro, aos próprios argentinos. Apesar de reconhecerem que a ação do governo brasileiro causou problemas para os próprios brasileiros, caracterizaram-na como um “tranque” dado nos argentinos, ou uma espécie de “troco” que não tardava chegar, tal como enfatizou o brasileiro Pedro (73), e nos levaram a entender que se tratou de uma resposta merecida às atitudes dos vizinhos. Os brasileiros procuraram ainda reiterar que o Brasil está em uma situação socioeconômica mais confortável do que a Argentina, de modo que, se “eles” quiserem “prejudicar” os brasileiros, vai ser “pior para eles” (Aline, 37).

Os brasileiros sublinharam ainda que o “orgulho” dos argentinos é pronunciado, mas não tem razão de ser porque exceto pela capital argentina e algumas outras cidades, a “pobreza impera” no país, que já foi a “menina dos olhos” da América Latina – tal como evidencia a fala da brasileira Aline (37). Além disso, os brasileiros apontam que, com a veiculação de notícias que sublinham a rivalidade entre Brasil e Argentina, “a coisa fica feia” (DALTON, 51) no cotidiano fronteiriço ou fica ainda mais “complicado a gente se acertar” (GUILHERME, 43) porque a região fica no “epicentro das disputas” (DALTON, 51) entre os dois países e os fronteiriços acabam sendo os primeiros a enfrentar as consequências desses desentendimentos. Com isso, compreendemos que essas narrativas televisivas

colaboram para reforçar as identidades nacionais nessa fronteira, para afastar brasileiros e argentinos nas relações sociais cotidianas e, ainda, para agravar conflitos entre eles.

Ao reverem essas narrativas, os argentinos retrataram a medida tomada pelo governo brasileiro como uma “afronta” (GABRIELA, 48), uma tentativa de o Brasil “mostrar quem manda” ou de “assustar”, tal como enfatizou o argentino Cristiano (54), algo que os deixou “chateados” (SOLEIDAD, 67) e “apavorados” (CRISTIANO, 54). Os argentinos reiteraram que o Brasil “dita as regras” (GABRIELA, 48) do Mercosul, e que as ações do governo brasileiro são movidas por “ganância” (SOLEIDAD, 67), ou para “levar vantagem” (GABRIELA, 48). Os argentinos também se ressentiram da atribuição de culpa que os brasileiros reputaram a eles nesse caso, uma vez que se sentem no direito de proteger o seu mercado e o seu produtor, tal qual o faz o Brasil. Os argentinos apontaram ainda que a rivalidade pode ser saudável para os negócios em alguma medida, mas que no caso das relações argentino-brasileiras “mais prejudica do que ajuda” (BRUNO, 39), principalmente esse tipo de “golpe” (CRISTIANO, 54) que um país desfere no outro, e essa rivalidade entre brasileiros e argentinos também foi caracterizada como uma “irracionalidade” (BRUNO, 39).

Além disso, os argentinos consideraram que essas notícias que caracterizam brasileiros e argentinos como adversários, que “deitam e rolam” com os desentendimentos entre os dois países, colaboram para colocar “lenha na fogueira” no cotidiano fronteiriço – tal como pontuou o argentino Bruno (39). O que “não é nada bom” porque elas dão “um banho de água fria” nas relações entre brasileiros e argentinos que vivem nessa fronteira, abalando inclusive a “confiança” entre os fronteiriços – tal como sublinha a argentina Felícia (25).

Assim como no caso das colaborações de nossos entrevistados brasileiros, os comentários de nossos entrevistados argentinos também nos permitem depreender que essas representações televisivas que enfatizam a rivalidade entre brasileiros e argentinos colaboram para reforçar as identidades nacionais nessa fronteira, em detrimento da identidade regional ou fronteiriça. Essas narrativas colaboram também para diminuir a sociabilidade entre eles, tal como evidência a fala de uma de nossas entrevistadas argentinas: “Não dá vontade nem de ir para Uruguaiana” (SOLEDA, 67). Mesmo quando não limitam a sociabilidade, essas representações televisivas colaboram para aumentar a distância simbólica entre brasileiros e argentinos, imprimindo às relações sociais interfronteiriças um caráter de conflito, tal como evidencia a fala de um de nossos entrevistados brasileiros, ao enfatizar o quanto essas narrativas colaboram para diminuir a polidez e para aumentar a animosidade nas relações sociais entre os fronteiriços: “uns viram a cara para os outros” (DALTON, 51).

É válido registrar ainda que, uma década depois de iniciarmos nossos estudos na fronteira Uruguaiana-*Paso de los Libres*, compreendemos que a participação das narrativas noticiosas da televisão brasileira no cotidiano fronteiriço ainda ocorre preponderantemente por meio da construção de representações em que o Brasil e a Argentina estão em lados opostos de interesse. No retrato das relações econômicas e políticas entre esses dois países, e especialmente das contendas em torno do Mercosul, essas narrativas ainda sublinham a rivalidade entre brasileiros e argentinos, caracterizando-os como adversários e, com isso, ainda colaboram para o reforço das identidades nacionais no cotidiano fronteiriço, em detrimento da identidade regional ou fronteiriça. Evidentemente, as notícias das disputas comerciais entre Brasil e Argentina, entranhadas da ideia de competição ou de conflito, são fundadas na realidade. E a realidade contemporânea, que se construiu historicamente, desde as disputas entre as matrizes coloniais ibéricas, é a de que as dificuldades nas relações argentino-brasileiras não arrefeceram com o

Mercosul, mas apenas encontraram nele um novo âmbito no qual essas disputas políticas e econômicas entre Brasil e Argentina são travadas.

Considerações finais

A rivalidade argentino-brasileira foi construída historicamente desde as disputas entre as matrizes ibéricas e ainda se atualiza na realidade contemporânea. Essa atualização se dá, inclusive, com a colaboração de meios de comunicação de massa como a televisão. Por meio de seu noticiário – e mesmo pelas narrativas de outros gêneros como a propaganda, os humorísticos e os programas de esporte que não foram objeto deste artigo, mas que também integram os resultados de nossa tese –, a televisão brasileira utiliza a rivalidade argentino-brasileira como um estereótipo (LIPPMANN, 2008) para caracterizar, explicar ou contextualizar as relações argentino-brasileiras. Este estereótipo é repetido *ad nauseum* no discurso que tece as narrativas noticiosas, como aquelas que apresentamos aqui acerca dos desacordos em torno do Mercosul.

Por vezes, o telejornalismo utiliza ainda a rivalidade como interdiscurso (ORLANDI, 1988) para propor o sentido predominante em suas narrativas noticiosas – o que fica evidente quando elas não oferecem uma caracterização, explicação ou contextualização precisa sobre como tiveram início os desentendimentos retratados nas matérias. Assim, a televisão acessa o imaginário nacional, joga o jogo das identidades culturais e, ao fazer isso, reforça o discurso de rivalidade que já faz parte da realidade das relações argentino-brasileiras.

A rivalidade se faz estrutura de significado (GEERTZ, 1978) predominante na tessitura do noticiário televisivo sobre os desacordos argentino-brasileiros em torno do Mercosul e, quando esse discurso hegemônico é consumido pelos fronteiriços, ele medeia as relações sociais na região, colaborando para diminuir a

sociabilidade entre brasileiros e argentinos (ou para conferir a essas relações um caráter conflitivo) e participando do reforço das identidades nacionais – muitas vezes, em detrimento da fronteira. Isso tudo pode ser percebido ao atentarmos para as apropriações e usos que a amostra fez das narrativas.

A participação da televisão brasileira na fronteira Brasil-Argentina, todavia, não se limita a sublinhar as identidades nacionais, nem essa televisão configura-se como uma mediação que só faz crescer as distâncias simbólicas entre brasileiros e argentinos ou alimentar um caráter de rivalidade nas relações entre eles. Ela mesma apresenta algumas exceções com relação às representações que constrói sobre as relações argentino-brasileiras. Elas ocorrem, especialmente, na ficção televisiva – aspecto que não abordamos nesse artigo, mas que também integra os resultados de nossa tese – e em casos nos quais brasileiros e argentinos partilham interesses comuns ou apresentam esforços de cooperação.

Evidentemente, não podemos perder de vista que a realidade da região fronteira é multimediada – tal como compreendemos a partir do estudo dessa realidade e da leitura que fizemos de Martín-Barbero (2001) –, o que significa que nem sempre os sentidos produzidos pela televisão brasileira predominam no imaginário dos fronteiriços. Precisamos considerar também que as identidades culturais que vicejam na região são plurais e móveis, que o jogo identitário é situacional – tal como compreendemos a partir de nossos estudos de caso e da leitura que fizemos de Hall (1999) –, o que significa que a cultura nacional brasileira e argentina não são as únicas matrizes de significados relevantes naquele contexto, mesmo que tenham a tendência de predominar sobre outras formações culturais. Sabemos também que dependendo da conjuntura social, econômica, política e cultural, as apropriações e usos que os fronteiriços fazem das representações televisivas varia, o jogo das identidades culturais se altera e o tom das relações

entre brasileiros e argentinos também muda – tal como pudemos observar em campo, ao atentarmos para diferentes recortes ou temas diversos.

Mesmo considerando justamente todas essas variáveis – características da complexidade e da heterogeneidade da realidade contemporânea, e sem as quais não teríamos como levar a cabo este estudo –, compreendemos que as narrativas da televisão brasileira participam do jogo identitário fronteiriço, reforçando preponderantemente as identidades nacionais brasileira e argentina. E, ainda, acentuando um caráter de afastamento ou de conflito nas relações sociais entre brasileiros e argentinos que vivem na fronteira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Canclini, N. G. (2010). *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Collier Jr, J. (1973). *Antropologia Visual: a fotografia como técnica de pesquisa antropológica*. São Paulo: EPU/EDUSP.
- Geertz, C. (1978). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Haguete, T. M. F. (1992). *Metodologias qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes.
- Hall, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- Lippmann, W. (2008). *Opinião Pública*. Petrópolis: Vozes.
- Lopes, M. I. V. (2002). *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Loyola.
- Martín-Barbero, J. (2001). *Dos Meios às Mediações*. Comunicação, Cultura e Hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Orlandi, E. P. (1988). *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez.
- Thiollent, M. (1980). *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. São Paulo: Polis.
- Yin, R. K. (2010). *Estudo de Caso – Planejamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.